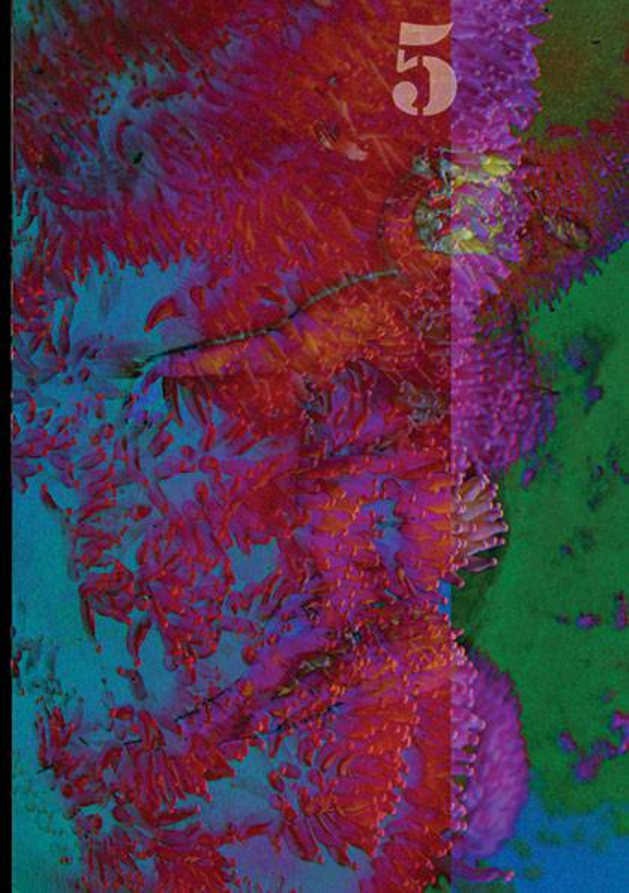
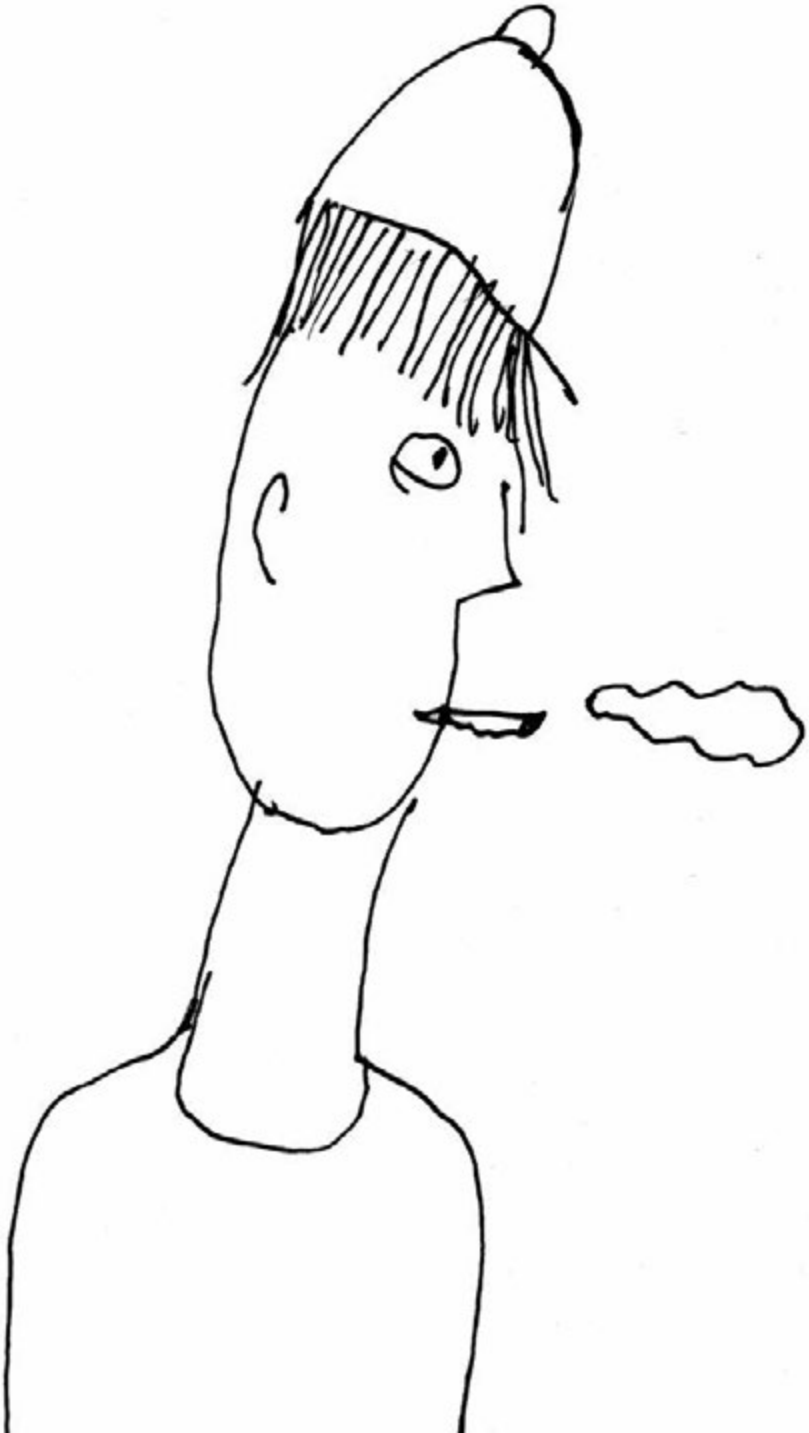
1

abrigo portátil



5



ser criança ou a merda e a criação artística

Sofia Neuparth

é preciso ser criança para aceitar o convite das práticas de criar corpo-acontecimento...disse-me a júlia ontem, disse-me também que a boca sofia traz muitas vezes essa criança enquanto convida para cada prática que se faz presente em cada encontro.

essa boca sofia não sabe o que diz enquanto diz o que diz. cada palavra, cada som, cada gesto, aparece na possibilidade que o invisível, a tensão entre corpos, as modulações de temperatura, as camadas de cidade, vão navegando o momento.

a atenção viaja como o ouvir viaja. enquanto oiço o que oiço acompanho esse passeio da atenção atravessando camadas, deslocando-se para um silvo longínquo, inclinando-se sobre os pés na madeira aqui ao lado, o arrastar de uma cadeira no andar de cima, o vento a enrolar-se nos telhados, a respiração a massajar os órgãos.
ouvir, escutar, implica migração.

o corpo viaja. entra, contorna, mergulha, afasta-se. as ondas de som que vou tocando tocam este corpo que vou sendo e nesse deslizar aberto vou sendo o que vou sendo desisolada do mundo.

que criança será essa que aparece em juliez e que hoje brincou e riu e cantou e esperneou e gritou ao longo do encontro das práticas de criar corpo.

a ternura do nome.

é recente ouvir a ternura do nome.

tem sido longa a caminhada de experienciar, não me deter nos sinais, não me armadilhar nas legendas, escutar o movimento que potencia a palavra, que potencia o nome.
e esta temporada, como nos carrocéis de sementeiras e poisios, aparece a ternura do nome, em todo o seu mistério.

criança child enfant niño bambino kind laps puer ingane

talvez essa fonte, talvez o corpo não constringido, talvez a proximidade do inútil, talvez a maciesa, talvez o desejo de mexer, talvez o desassossego, talvez a criação.
não me parece que essa “criança” tenha idade ou lugar. é uma experiência de criança agora.

é ser mão, ser lagarto, ser pedra, ser buraco, ser humidade.
é brincar-escrever-dançar-chorar-pensar-gargalhar.

escutamos corpo no beijo entre a pele da pele e a pele do chão, vamos encontrando os “quase lados” deste corpo que vamos sendo, o trânsito entre aquilo que consideramos ser “frente” e aquilo que consideramos ser “trás”.
uma experiência de trânsito, o lado do corpo físico tem um “aqui” móvel, como a “frente” ou o “trás”, mas talvez mais livre do peso da fixação.
não sei. cada umaum se aprisiona onde se aprisiona, daí a fertilidade do encontro de corpos perguntadores, algures na ressonância entre corpos se adensa conhecimento.
solidão acompanhada.
acorde de corpos.

a massa corpo faz-se mão, rodopia, cai, entra na terra, acompanha o adensar do espaço entre a terra e o peito e já está correndo, sempre esteve correndo - enquanto dorme - enquanto escreve - enquanto se enruga - enquanto pulsa.
entre o rodopio e a queda experimenta entrar e continuar a entrar, parece uma pausa, é uma pausa. não há imobilidade. a atenção entra no entre e continua a entrar, a porta está sempre aberta mas, talvez algum mamute tenha encoberto a passagem.
deixo passar movimento, vejo através de ver por onde o movimento possa estar impedido de passar, pergunto enquanto atravesso.
entro e continuo a entrar. a massa corpo ainda se faz mão, ainda rodopia, ainda cai ou entra ou corre enquanto continua a começar a entrada entre o rodopio e a queda.
oiço o desejo do gesto antes do gesto nascer. oiço o desejo do gesto enquanto o gesto nasce.

o que moveu manzoni para vender a própria merda enlatada enquanto arte? um grito contra o mercado artístico? a expressão da irreverência do artista filho de família rica? a desconfiança da afinidade entre a criação de arte e a merda?
se o que o moveu foi mais próximo desta última possibilidade devo ter sintonizado com o ar dos tempos. manzoni morreu quando eu tinha um ano e, desde que me lembro, a boca sofia fala desse lado-a-lado.

sinto a investigação artística enquanto exercício da criação.
esse mexilhar constante que o corpo aberto saboreia enquanto acontece, deslizando mais ou menos fluidamente no encontro com o acontecimento-mundo, mantém aberta a porta aberta que me permite tocar a criação e trazer ao aparecer o fazer artístico.

nesse antes que não mora no passado o desejo de cereja é já o movimento digestivo.

já as ondulações varrem a obra que se faz presente e ainda os lábios não tocaram a cereja.

a demora na boca apalpando apalpando.

a passagem nos canais.

o estômago-ninho-encontro do desejo de cereja com a fisicalidade da cereja no encontro com o que era e o que vai ser.

a integração. o gesto a impregnar-se do desejo. a acolher no não gesto a cereja que agora não pode ser gesto enquanto se faz gesto-cereja.

a fisicalização do gesto que enquanto permanece líquido devolve já a água ao mundo.
a implicação no fazer da merda.

só tu podes fazer o que fazes mas, esse fazer não existe sem a ressonaância com o outro, com o mundo.

solidão acompanhada.

o retorno da merda-cereja-gesto ao corpo terra.

a desconfiança da inscrição da autoria-pertença de algo que sempre foi mundo e que só pode ser o que é no atravessamento do corpo que cada umaum vai sendo.

o absurdo de uma programação surda que encomenda a merda para daqui a dois anos.

a vergonha, a culpa, o julgamento cruel, o alívio, a prisão de ventre, a diarreia, a limpeza, a prontidão que começa, que continua.

movimento[1]
a implicação em ser corpo

há uma grande distância entre o corpo "de longe e o corpo de "perto"

não é uma distância fixa

é um harmónio que estica enquanto encolhe

corpo

a criação contínua de corpo-acontecimento, a evidência de que o acontecimento acontece no entre, a consideração da deformação permanente que o encontro implica, a escuta afinada do movimento, do movimento que cria corpo em si, do movimento corpo na geração de mundo, do movimento da criação do mundo em si mesmo, do movimento-mundo que continuamente cria corpo.

o reconhecimento de insistências, o surgimento de regras e leis que regulam o espaço entre o esquecimento dos acontecimentos insistidos, que sustentaram o aparecimento dessas regras e leis, a substituição do acompanhamento desses acontecimentos entre por comandos destituídos de sentido, a substituição da prática de existir na criação de corpo pelo exercício de sobrevivência em representação de si mesmo, o endurecimento das relações, o destecimento dos afectos, o medo de não saber, o medo de não pertencer, o medo de não ter, a surdez ao amor, a pressa em trazer a um discurso aceitável o reconhecimento de um fazer que se vai inscrevendo no universo de acumular e reduzir que sustenta sistemas de viver juntos.

[1] movimento escrito em estado de dança - 1° edição publicada em novembro de 2014, em Lisboa. Fragmento do texto original

vejo gerar-se um corpo fixado em direitos e deveres, um corpo que constrói-destrói cada dia apontando e maldizendo, que se armadilha na reivindicação e não se apura no potenciar do acontecimento, que não saboreia, que fragmenta, que não agradece, que não aprende (no brilho que aprender tem de ser de caminhar na ressonância desse toque entre, do acontecer, do encontro)

este corpo entupido na impossibilidade desnutre liberdade, **alegria**, exuberáncia, ternura,
choro, abraço, desejo, caminhada, espera, pausa, luto, curiosidade, não saber, aventura, escuridão, gargalhada.

considerar movimento, considerar em movimento.

experimento a disponibilidade no pensamento, nos tecidos orgânicos que também vão sendo corpo, escuto o pulsar de ser-estar-fazer alinhado com essa disponibilidade. o corpo disponível, corpo aberto tonificado em afectar sendo afectado.

considerar não é tingir o que entrevejo com uma determinada tonalidade, será antes ampliar as espirais de relação que vou sendo a um campo de atenção sem bordas onde essa tonalidade específica se faz presente, onde acolho e escolho a relação com essa tonalidade específica.

considero empurrar enquanto puxo, considero rotação, considero entrar enquanto saio. estou atenta às alterações subtis das qualidades que vou sendo. densidade, relação gravidade anti-gravidade, luminosidade, velocidade. aprendo a **aprender**.

vejo as forças que o mundo exerce sobre o corpo, vejo as forças que a cultura e as culturas têm fertilizado para que essa pressão de um contínuo "fora" para um contínuo "dentro" determine comportamentos de fundo que aceito como próprios de mim. vejo e continuo a ver. atravesso.

I. simples

quando afastamos a massa da posição de repouso e a soltamos, o pêndulo realiza oscilações. ao desconsiderarmos a resistência do ar, as únicas forças que atuam sobre o pêndulo são a tensão com o fio e o peso da massa.

indicativos:
1. afastar o desejo de repouso
2. desconsiderar (temporariamente) os fatores externos de resistência/interferência
3. produzir tensionamentos com possíveis linhas de fuga
4. soltar todo peso

PROYECTO INMISCUIR
Dani d'Emilia & Daniel Brittany Chávez
www.danidemilia.com | www.brittanychavez.com

Esa capacidad de comenzar siempre de nuevo, de reconstruir, y no arruinar, de rehusar la burocratización de la mente, de entender y vivir la vida como proceso - vivir para devenir..."
(Freire)

¿Que es/por qué empezamos el Proyecto Inmiscuir [PIN]?

No hay nada en nuestras vidas que no pensemos desde el lema feminista "lo personal es político". Hace varios años nos conocimos y empezamos a colaborar en distintos proyectos de performance y pedagogía. PIN, nuestro más grande proyecto de arte-vida, nació en el momento que, al decidirmos juntar nuestros caminos también como pareja, empezamos a trabajar muy a fondo para extender nuestra mirada artística también a nuestra vida personal compartida.

La palabra Inmiscuir en español, está vinculada a una idea un poco negativa de entrometerse en asuntos que no te pertenecen, pero, a la vez también habla de lo que sucede cuando dos sustancias se encuentran y se mezclan. Nos interesó ese doble significado. Por un lado, porque según determinados patrones sociales heteronormativos, nuestra relación también de muchas maneras encarna 'lo que no debe ser'. Y por el otro, porque en nuestro trabajo desde el performance, en el que siempre empezamos con el cuerpo como materia prima y lugar donde hacernos preguntas y buscar respuestas, al juntar nuestros mundos también nosotrxs, sustancias-sujetos, nos mezclamos.

Dando seguimiento a la genealogía de reapropriaciones terminológicas desde las disidencias sexuales (en EEUU resigificando el insulto queer y en latinoamérica recontextualizándolo desde las luchas cuir), nosotrxs hemos decidido que nuestro inmiscuirse significa: mezclar relaciones político-afectivas, trabajar desde sensibilidades cuirs/no-normativas, fabricar referentes no-existentes de ser y acompañarse, borrar temporalidades entre performance y vida cotidiana. Este es nuestro proyecto. Desde ahí, sale el trabajo.

En nuestro trabajo de arte-vida, hay dos ejes que funcionan como áncoras para nosotrxs y que han estado muy presentes en los proyectos de performance que hemos realizado hasta ahora: la ternura radical y las afectividades cuirs/expandidas.

¿Puede la ternura ser radical y lo radical ser tierno? Creemos que sí.

Creemos que hay que ser duros con las problemáticas políticas que nos importan y tiernos lxs unxs con lxs otrxs. Queremos trabajar desde la diferencia como fuerza, aunquéea veces nos falten ejemplos concretos suficientes en los que aferrarnos. Buscamos formas alternativas al purismo oposicional de comunidades conservadoras, que a veces desafortunadamente sentimos que también se replican en comunidades 'radicales' a las que pertenecemos. Seguimos luchando por coherencia entre nuestros discursos y acciones, por una sabiduría emocional que pueda mantenernos críticos pero también esperanzosos ante el peso de la realidad en que vivimos.

"...ternura radical es acariciar espinas
ternura radical es convivir con la falta
es mirar a las cosas a la cara con el cariño de quien las quiere ver
es sostenerse desde distintos lugares, aunque no todos sean hermosos..."
(idem)

Parte de nuestras vidas artísticas y/o familiares ha consistido en vivir un poco como tortugas pero a más alta velocidad. Nuestras redes de familias escogidas y afectos expandidos son lo que nos sostienen en este andar. Cuando nuestras redes empiezan a entremezclarse, la noción de "hogar" se vuelve cada vez más expandida y se siente cada vez más presente.

"For the embattled there is no place that cannot be home. Nor is."
(Audre Lorde)

Nuestros lugares y hogares son múltiples, nuestras composiciones y pertenencias complejas. ¿Cómo posicionarnos en un mundo que depende de nacionalidades fijas, idiomas concretos, nociones de geografía-hogar supuestamente sólidas? ¿El hogar puede existir entre los abrazos de los seres queridos? ¿El hogar es donde cambiamos la maleta o lo que llevamos en ella? ¿El tránsito es un hogar? ¿Podemos sentir seguridad en movimiento?

Para los propósitos de este breve artículo, en lo que sigue deseamos compartir de manera poético-performativa dos trabajos que creamos durante el verano de 2015 en Lisboa (Portugal), uno de nuestros hogares en el mundo que fue/es esencial para la germinación de PIN.

ROMANCE DECADENTE (Foto-performance, Lisboa 2015)

¿Cuáles son las trampas de pensar el amor solo desde un espacio 'romántico idílico'? ¿Cuántas partes 'feas' hacen falta para sostener algo 'bello'? ¿Cuáles parámetros censuran nuestra visión de lo que está incluido en lo que entendemos como amor? ¿Podemos ser creativos con los ángulos/perspectivas que eligimos para mirarnos?

Esta obra surge como crítica al ideal romántico producido por imágenes solipsísticas y ficcionales de 'parejas perfectas' que circulan en especial en las redes sociales. Haciendo una conexión entre la arquitectura de un edificio y la de una relación, jugamos con dejar explícito que lo que creemos que estamos viendo en cualquier instante no incluye lo que deliberadamente se ha quedado afuera.

Instrucciones performativas: Poner ropa de trabajo. Escoger los ángulos de las tomas: abierta (cámara fija en trípode) y cerrada (cámara en palo de selfie). La persona que prepara el cuadro abierto presiona el temporalizador y se inserta en el cuadro. La persona que prepara el cuadro cerrado, hace el 'selfie click' al mismo tiempo que la cámara en el trípode dispara.

SOMOS CUERPOS DE AGUA
(Acción, Carcavelos 2015)

¿Cómo descolonizamos la idea judeocristiana de 'hasta la muerte' en nuestras relaciones? ¿Cuántas partes de nosotrxs tenemos que dejar morir para hacer nuestras vidas mas vivibles? ¿Cómo acompañarnos en nuestros procesos de transformación? ¿Cómo aceptar que el cambio es la única constante?

En esta obra jugamos y borramos la línea entre la vida, la muerte, y la presencia de manera espectrológica. Cárcavas son el resultado de la erosión de la tierra por el agua. Playa Carcavelos significa la playa de las fosas o cárcavos, razón simbólica por la cual decidimos hacer la acción en esta playa. Fosas son lugares de muerte y de vida. Al escavar las fosas implicamos nuestros cuerpos en un meta nivel de erosión, puesto que nosotrxs también somos mayoritariamente compuestos por agua. Con la idea inicial de acompañarnos hacia algún tipo de muerte, nos preguntamos sobre las múltiples maneras en que morimos, vivimos y renacemos con nuestros múltiples atravesamientos de personas e historias. ¿Cómo sostenemos las muertes y los renacimientos de unx al otrx? Esta acción terminó cuando el gesto metafórico casi se volvió realidad. Una amiga querida paró una resaca rastrillo, segundos antes de que hubiera aplastado nuestros cuerpos.

Instrucciones performativas:

Poner ropa de trabajo. Escoger una porción de arena approx. 4 metros de la orilla del mar. Escabar dos fosas del tamaño del cuerpo, cada unx la suya. Entrar en las fosas boca arriba y sentir. Después de un rato, escarbar lateralmente hasta alcanzar la mano de la otra persona. Quedar ahí agarradxs de la mano. Sentir. Salir.

Imágenes:

1-2: Registro de performance PIN, Roundabout.lx, Lisboa, 2015. Por Edgar de Oliveira.
3-4: PIN Foto-performance, Lisboa, 2015. Cortesia de lxs artistas.
5-8: Registro de acción PIN, Carcavelos, 2015. Por Renata Ferraz.
MANIFESTO - TERNURA RADICAL
http://latitudeslatinas.com/download/artigos/ternura%20radical.pdf

Dani d'Emilia y Daniel B.Chávez. Artistas de performance, activistas transfeministas, integrantes del núcleo duro de La Pocha Nostra y co-fundadores del Proyecto Inmiscuir. Desde que se conocieron, en el 2011, han estado colaborando en distintos proyectos de performance y pedagogía transcontinentales, acompañándose desde un lugar de afecto erótico-político que atraviesa los campos de arte-vida. El Proyecto Inmiscuir comenzó oficialmente en el verano de 2015 con una visión de ser un proyecto de largo plazo. Más información sobre PIN y el trabajo de lxs dos artistas disponibles en: www.danielbchavez.com / www.danidemilia.com.

Saullo Berck, de Barbalha, cidade Cearense que fica a 553 km de Fortaleza, em coreografia com os dançarinos Samuel Santana, Bruno Allan, Bruno Fenty e Elber Germanotta.

comentário editorial 01
Luana Navarro com Saullo Berck

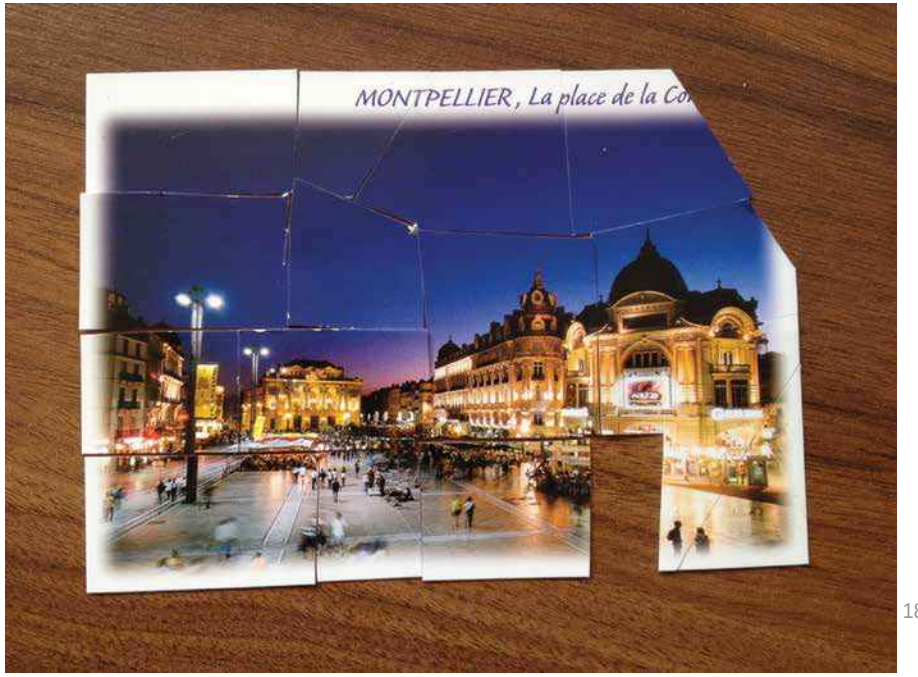
No dia 12 de outubro, fomos convidados pela artista Luana Navarro para criar algo para a edição da revista Abrigo Portátil. Ainda eufóricos com a recente notícia de que *Pão com Linguiça – uma churrascada carnografica* fora contemplado com o Prêmio Funarte Klauss Vianna de Dança, pensamos em aproveitar esse espaço de publicação para iniciarmos – escrevendo e projetando, através da troca de e-mails, cartas e/ou postais – o processo de criação desse novo trabalho.

Esboçamos juntos com Luana Navarro ideias e desejos. No dia seguinte, fomos separados, Gladis e Ronie, pela distância de um imenso oceano.

Passaram-se semanas, meses e, ao contrário da ideia de que a arte existe porque a vida não basta, sentimos necessidade de falar mais sobre a vida do que sobre nossa obra, pois a vida é também aquilo que mostra que a arte não é suficiente.

No dia 12 de dezembro, a Funarte anuncia um atraso em todos os pagamentos de seus editais. Nós, artistas, que contamos com muito pouco, mais uma vez continuamos contando com menos ainda.

Essa publicação é sobre distância, amor e acontecimento.



www.funarte.gov.br/funarte/comunicado-do-centro-de-artes-cenicas-ceacen/

Comunicado sobre pagamentos a contemplados

A Funarte, por meio do Centro de Artes Cênicas, anuncia liberação de recursos do MinC

Publicado em 27 de maio de 2015

O Centro de Artes Cênicas (Ceacen) da Fundação Nacional de Artes (Funarte) informa que já foram liberados os recursos, no valor total de R$ 1.944.500,00, para o pagamento de 40 projetos contemplados pelo Prêmio Funarte Artes na Rua 2014. A verba foi repassada pelo Ministério da Cultura.

Tão logo a Funarte receba do MinC os repasses referentes ao mês de junho, tais recursos serão imediatamente utilizados para quitar os compromissos com os 96 projetos contemplados pelo Prêmio Funarte de Teatro Myriam Muniz 2014 que ainda aguardam pagamento.

O resultado final dos editais de Ocupação dos Espaços da Funarte também aguarda o repasse de recursos para sua publicação. Os proponentes classificados em primeiro lugar serão diretamente comunicados para que possam apresentar novo cronograma de execução do projeto, sob orientação do Ceacen.

O Prêmio Funarte de Dança Klauss Vianna 2014, que teve seu edital lançado em dezembro 2014, aguarda a disponibilidade dos recursos destinados ao ano de 2015 para a divulgação dos projetos habilitados e posterior constituição de comissão julgadora. Sua realização está totalmente garantida, porém sem data prevista para o início da seleção.

notícias da funarte ›

Concurso Funarte 2014: nomeação e quinta convocação de aprovados

Comunicado sobre o pagamento dos editais 2014 e 2015 da Funarte

Comunicado sobre o fato ocorrido nas dependências do Teatro de Arena Eugênio Kusnet (SP)

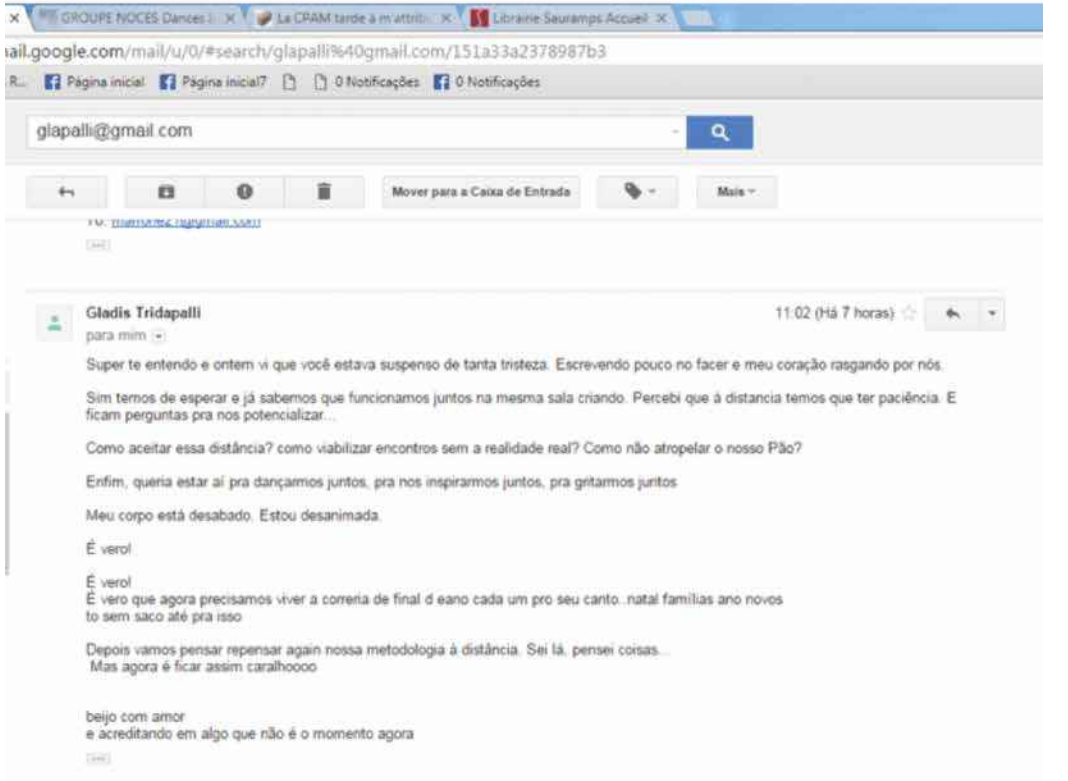
Funarte recebe o '10º Festival Brasília de Cultura Popular'

Funarte lamenta morte da atriz e diretora Bel Garcia

conecte-se

Siga a @Funarte no Twitter

Participe da nossa página no Facebook



ail.google.com/mail/u/0/#search/glapalli%40gmail.com/151a33a2378987b3

glapalli@gmail.com

Mover para a Caixa de Entrada | Mais

Gladis Tridapalli 11:02 (Há 7 horas)

para mim

Super te entendo e ontem vi que você estava suspenso de tanta tristeza. Escrevendo pouco no facer e meu coração rasgando por nós.

Sim temos de esperar e já sabemos que funcionamos juntos na mesma sala criando. Percebi que à distancia temos que ter paciência. E ficam perguntas pra nos potencializar...

Como aceitar essa distância? como viabilizar encontros sem a realidade real? Como não atropelar o nosso Pão?

Enfim, queria estar aí pra dançarmos juntos, pra nos inspirarmos juntos, pra gritarmos juntos

Meu corpo está desabado. Estou desanimada.

É vero!

É vero!
É vero que agora precisamos viver a correria de final d eano cada um pro seu canto. natal famílias ano novos
to sem saco até pra isso

Depois vamos pensar repensar again nossa metodologia à distância. Sei lá, pensei coisas.
Mas agora é ficar assim caralhoooo

beijo com amor
e acreditando em algo que não é o momento agora

Fecho os olhos e tento lembrar as minhas duas idas a Paris. Racionalmente, sei que elas foram viagens para celebrar o amor e nas ruas de luzes curtimos o lugar como todo bom turista saboreia – achando tudo lindo e vibrante. O lugar mais belo do mundo, sem dúvida.

No entanto, fecho os olhos e a sensação que tenho não é mais essa. Tenho uma espécie de frio na espinha quando penso em Paris e, como mãe, penso que pensaria todos os dias com muito pânico sobre aonde meus filhos estariam indo.
Penso em você e muito mais no Franck. Penso em vida e morte. Em pedaços corpos.
Fecho os olhos e perdi minha Paris linda e de pontes românticas.
Fecho os olhos e sinto tristeza, uma espécie de medo também.

Não estaria aí o tal acontecimento que li em algum teórico? Acontecimento como algo tão devastador que modifica o passado, presente e futuro da coisa em si. Mas principalmente modifica a noção de tempo individual.

Onde foi parar a minha experiência em Paris?
Ela não existe mais

Será possível uma dança acontecer no sentido de modificar o antes e depois?

Lembro do nosso Cachaça sem rótulo, rsrsr
Bjooooo com amor

03h07

Fecho os olhos e não durmo. Franck está faz tempo dormindo. Espero que tenha uma boa noite de sono.
Meu sono não vem de jeito algum.
Penso no seu e-mail. No longo dia que tive, e em tudo em que eu não sei.

Sua pergunta sobre Paris me fez pensar nessa imagem tão forte da manifestação de anteontem. Impedidos de manifestar por três meses, por motivos de segurança, ativistas e manifestantes deixam seus sapatos na Praça da República.

Quanta presença nessa imagem.

Estou lendo dois livros nesse momento. Um é um trabalho da Sophie Calle chamado Cegos.
Na primeira parte, ela entrevista cegos de nascença e pergunta para eles o que é beleza.

As descrições são comoventes.

Outro livro que estou lendo fala sobre terrorismo e, segundo o autor, o que caracteriza um ato terrorista é a impossibilidade de mensurar os danos psicológicos que ele pode causar.

Acontecimento devastador, que modifica passado, presente e futuro da coisa em si.

Não sei se uma dança é capaz de modificar o antes e o depois. Difícil responder a essa questão quando me pergunto quase todos os dias qual é a pertinência de continuar dançando...

com carinho

inquieto

A imagem dos sapatos é comovente. Linda. Tão impactante quanto as folhas que, hoje, recebi de você numa carta. As folhas secas me trouxeram vida – há beleza no que é seco.

Se puder, me mande um desses dizeres sobre a beleza. Fiquei curiosa e já sinto um buraco de imaginar a beleza em corpos que não enxergam... enxergam?

Pensando sobre o ataque, acho que a dança não consegue ser como um acontecimento desse. Mas em outras camadas sim.

Lembro quando vi o Violet e sinto que a noção de alguma coisa em mim foi alterada pra sempre. Adoro pensar o sempre, hahaha, nada é para sempre.

Mas sinto que mudou no sentido de refazer o meu passado e me projetar pra frente.

E pra não parecer vira-lata trazendo o exemplo do Violet, lembro de outro exemplo, uma menina de 13 anos, cabelos tingidos de laranja, roupa surrada, colan enfiado na bunda, numa apresentação, dançando axé até o chão. Chão de terra batido numa regional de Curitiba.

Depois de vivenciar a sua força parei de limitar a minha e um universo se abriu em mim.

Algo foi devastado! quem sabe a mania de delegar aos outros a minha própria potência ou impotência.

Como é difícil saber se vale a pena continuar.

Ro, querido, vê se dorme.

Montarei o quebra-cabeças que me enviou e te mando uma foto. Vou esperar a Olívia chegar pra ela compor comigo.

J U N T A R

O QUE ESTÁ LONGE

“A coisa mais bonita que eu vi é o mar, o mar a perder de vista”

“O verde é bonito. Porque cada vez que eu amo qualquer coisa, alguém me diz que é verde. A grama é verde, as árvores, as folhas, a natureza... Eu gosto de me vestir de verde”

“No museu Rodin, tem uma mulher nua com seios muito eróticos e uma bunda genial. Ela é doce. Ela é bela”

“O homem com quem eu vivo é o que eu conheço de mais bonito. Mas lhe faltam dez centímetros. A perfeição, eu não a encontrei. Eu gosto dos homens fortões. É uma questão de forma, de volume. Os traços do rosto não me tocam muito. O corpo de um homem magro e musculoso me convém esteticamente”

“Minha casa é bonita. Eu quem decorei tudo sozinha. Eu escolhi as lâmpadas, o carpete, os quadros, os objetos, os espelhos, as plantas. Eu pensei os lugares dos móveis. Eu desejei um teto azul no meu quarto: é mais íntimo, mais quente. Eu retirei o carpete. Eu pedi conselhos apenas para as cores, eu tinha medo de cometer erros de mau gosto”

“Os carneiros são bonitos. Porque eles não se mexem e têm lã. Minha mãe, porque ela é grande e ela tem longos cabelos até as costas. Alain Delon”

Feche os olhos, por favor.

E, para você, qual é coisa mais bonita que você já viu?

Ai, que difícil, muito difícil responder

Qual foi a coisa mais bonita que eu já vi?

Eu tenho a mania de fechar os olhos pra responder perguntas como essa e a primeira imagem que vem como resposta pode ser o que é

Veio a imagem do sorriso do Gus olhando pra mim quando cheguei em casa hoje

É a coisa mais bonita

em 8 de outubro de 2015, Ronie Rodrigues publica em seu Facebook este vídeo e escreve: corpo.

Limpando a cas/ra para a chegada de T, de Miro Spinelli

Miro Spinelli é artista transmídia e ativista do próprio corpo. É integrante e fundadora do Agua Viva Concentrado Artístico e atualmente tem pesquisas voltadas para performance, fotografia e vídeo, com foco em questões do corpo e suas possíveis poéticas e políticas.

nunca tenho certeza de quantos dedos tenho.

cada um dos meus dedos se agita como uma pequena centopeia,
mas sou incapaz de contar com precisão
quantas escalopendras se agitam brotando das minhas palmas.

quer dizer: às vezes eu tento contar,
mas os números que obtenho costumam ser conflitantes,
entende?

digo isso e já consigo imaginar teu olhar enviesado,
teu sorriso entre discreto e irônico,
teu ceticismo condescendente:

pois se é tudo muito simples,
basta olhar para as duas mãos repousando no colo,
e contar - de um a cinco, de cinco a dez.

pois eu garanto que não é bem assim.

.

é claro, na maior parte das vezes, eles estão lá,
os cinco dedos abertos em cada palma,
mas isso não quer dizer muita coisa, quer?

.

o zumbido nos meus ouvidos é como a fisgada
de um membro fantasma.

.

não acredito na simetria.

não é possível que minhas duas mãos se abram e fechem da mesma forma,
sendo que eu as trato evidentemente de modo tão distinto,
a da direita e a da esquerda...

.

meus dedos nascem, crescem, se multiplicam e morrem
entre gramados e ralos de que jamais suspeitei.
meu cérebro escuta apitos agudos que não estão lá.

cada apito é uma pequena e estridente vingança
contra a minha incapacidade de ouvir o som dos pássaros...

.

são os rouxinóis mecânicos que me salvam a vida...

.

meus neurônios se encontram em perfeito estado,

mas tornam-se perfeitamente inventivos e inúteis
sem os dois pequenos robôs que pendem das minhas orelhas.

é como seu eu tivesse três dedos que não se mexem...

.

meu cérebro trapaceia comigo.

às vezes consigo pegá-lo em flagrante,
como quando tinha três anos e conseguia enganar a geladeira,
escancarando o escuro do lado de dentro antes das luzes brancas acenderem.

.

certo dia despertei com seis dedos na mão direita,
seis ou sete na mão esquerda.

os dedos novos eram diminutos como insetos recém-nascidos,
mas estavam lá, inequivocamente.

.

depois de uma inspeção cuidadosa,
encontrei alguns brotos em partes estratégicas do corpo
no cotovelo, na virilha,
na parte de trás do joelho
alguns diminutos como verrugas.

.

um dedo que brota fora das mãos ou dos pés
continua sendo um dedo?

uma verruga é um dedo inofensivo e contagioso
transmissível entre banheiros públicos
e cloro de piscina.

.

cheguei a cogitar amputá-los.

quando peguei a faca de cozinha
esqueci o que planejava cortar exatamente e,
ao invés de amputar meus dedos extras,
cortei uma das minhas mãos pela metade
e da outra decepei um terço.

podia ter sido trágico, mas não.
minhas mãos despedaçadas
repousavam sobre a mesa de madeira
como duas esculturas de cerâmica.

.

por algum tempo passei a acenar nas despedidas
com minha mão ao meio
e comprar camisas de manga compridas
para que meus braços se perdessem abaixo dos cotovelos,
de modo que, em ocasiões especiais
eu pudesse oferecer meus punhos vazios
aos cumprimentos alheios,
sem que ninguém suspeitasse de algo mais
do que falta de etiqueta.

.

pouco depois voltei a ter minhas duas mãos intactas.

aquele mesmo formato previsível de estrela do mar
polegar, indicador, médio, anular, mínimo
cinco dedos obedientes,
imunes a qualquer espanto.

.

não tenho certeza se meus dedos extras brotaram
e se agregaram ao restante da mão
como se sempre tivessem estado lá,
ou se tudo não passou de um efeito de ilusão de ótica,
como se um cientista enlouquecido tivesse colocado
uma prótese da minha mão direita
numa caixa de espelhos.

.

prefiro acreditar que meus onze dedos
caem e brotam de novo como chifres de alce,
seguindo a regularidade de estações do ano que não existem.

meu cérebro desobedece meu olho.
eu conto de um a dez,
mas nunca existem dez.
sempre nove ou treze.

.

se eu vasculhasse o suficiente,
certamente encontraria alguns dedos caídos no jardim,
no ralo da pia do banheiro,
no vão entre os assentos do ônibus.

.

cada dedo caído se move como uma cauda de lagartixa,
comungando com as minhocas e ratos,
criando ninhos e se reproduzindo por mitose,
roçando coisas diminutas e subterrâneas que nunca provei.

.

sabe aquela sensação que os feridos de guerra descrevem
a de, de repente,
acordarem no meio da noite incomodados com alguma coceira, dor ou calor
justo no membro que há muito não possuem?
bom, é mais ou menos assim.

de vez em quando eu desperto como se minhas mãos fossem
um enxame de taturanas douradas invisíveis
queimando a pele de criaturas que eu não sei nomear porque
algum dia engoli, por engano, um dedo que deslizava
e desde então levo a marca do rastro de um inseto luminoso
tatuando de ácido viscoso
as papilas da minha língua.

um dedo decepado aponta de modo zombeteiro para a paisagem,
sem que seja possível reconhecer entre árvores derrubadas a parte do espaço
seccionado onde antes havia um membro:
“membro”, contudo, provavelmente não é a palavra apropriada:
quero passar um dia todo com o braço direito enterrado na terra, me movendo
em torno do seu eixo invisível
confundindo palavras e coisas, máquinas e zumbidose
pernas e laços e cercas e troncos

a cada palavra que eu disser um joelho indigente vai brotar
no pescoço de algum desocupado do outro lado do mundo

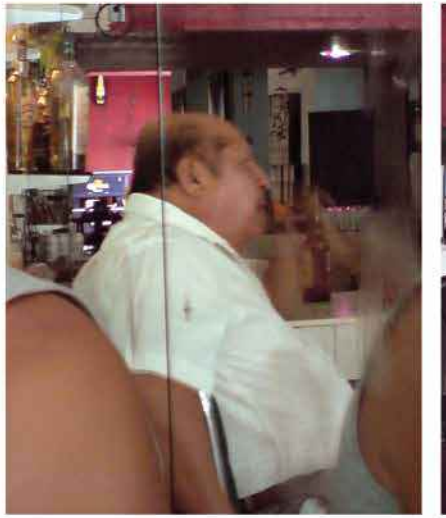
minha mão é um galho podado que cintila.

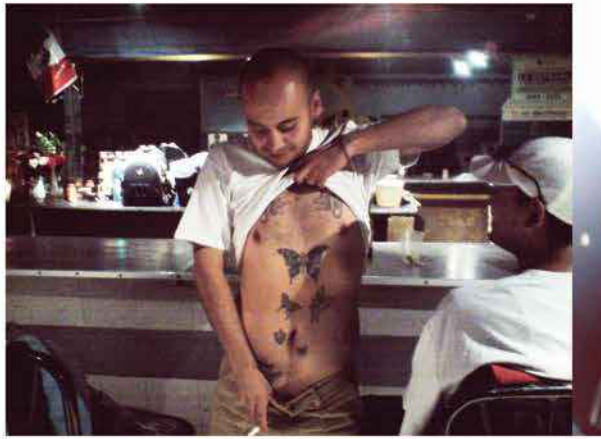
CALIBRE 45; la repblica de mi cuerpo.

Jesús Flores, alias Nazareno Vidales.

Del año 2008 al 2009, desarrollé un proyecto de prostitución masculina en Torreón, Coahuila, México. La ciudad donde nací y donde aún vivo. Durante un año salí a las calles con la firme intención de prostituirme o comprar compañía según lo primero que se diera. Con un teléfono celular registré fotográficamente cada uno de los encuentros omitiendo en todo momento mi verdadera intención documental. Conforme fue pasando el tiempo fui elaborando bitácoras de los lugares, personas y las diferentes maneras de abordar al otro. El resultado fueron más de sesenta episodios de los cuales elegí sólo 45, y en donde se pueden ver taxistas, jornaleros, ex convictos, travestidos, sacerdotes, delincuentes y profesionistas, entre otros, confeccionando esta propuesta con fragmentos de su historia personal. Sin haberlo previsto, ese mismo año de la realización del proyecto, la violencia de la guerra contra el narco azotó mi ciudad, paralelo a este trabajo sucedió el bautizo de fuego en las calles. Sin darnos cuenta de lo que pasaba, la vida nocturna se fue convulsionando poco a poco hasta quedar completamente vacía en los cuatro años siguientes, hasta que fue aminorando el conflicto. Esta serie de imágenes que ahora presento para esta publicación forma parte de las fotos inéditas que por muchas razones no quedaron en el resultado final.

Link del proyecto completo:
http://v2.zonezero.com/index.php?option=com_content&view=article&id=1198&catid=2&Itemid=7&lang=es
También se puede buscar como:
Calibre 45, Nazareno Vidales, zonezero.com





Rosa Venus.
Rosa Venus.
Rosa Venus.

Voltava para casa por um caminho não habitual. Costumava fazer isso de vez em quando, para aumentar o número de suas casas e prédios preferidos. Friné escolhia as construções pelas plantas e folhagens que podia ver da rua. Descobriu naquele caminho, outra casa para sua coleção das preferidas - uma com manjericões roxos nos canteiros das janelas.

Chegando em frente ao prédio em que morava, começou a revirar a bolsa em busca de suas chaves. Como sempre, o porteiro aguardou uns segundos e acionou a abertura da porta. Deve ter pensado: [*Essa moça sempre faz isso*]. Sorriu agradecida, confiando que esse gesto atravessaria o espesso vidro da guarita. (Atravessou)

O homem logo apareceu no *hall*. Boa observadora, de longe identificou um volume do correio nas mãos dele. Enquanto caminhava, apontou para si mesma misturando ao sorriso um ar de surpresa: *"Pra mim?"*. Recebeu um sorriso de volta junto de um sinal de positivo, desses que se faz com a cabeça. "Siimmmm?!" - ela vibrou, transitando da dúvida à euforia de uma só vez. Era mesmo sua encomenda: ***Coisas que não falamos ontem porque a porta abriu***[1]. Um livro com textos e imagens de vários *lugares* - cartas, e-mails, transcrições de conversas, notas, bilhetes, poemas, *selfies*, um mundo de histórias ... dessas que muitas vezes correm entre as meninas, depois que as luzes se apagam no resto da casa.

Acompanhava ansiosa a subida do elevador marcada no painel eletrônico do lado de dentro, ... 3, 4, 5, ... queria chegar logo em casa, abrir o pacote, trocar de roupa, regar as plantas [*'tadinhas, hoje fez tanto calor!* - pensou nisso quando entrou na sua rua].

Com tudo pronto, se jogou no sofá agarrada ao livro recém chegado. Seu corpo logo seria feito de leitura. Como as plantas ao seu redor, aproveitava toda a luz daquele resto de dia de uma forma silenciosa, vívida e intensa. Plantas gostam de boas companhias. Livros também.

Tinha o rosto quente e corado, suas pálpebras mantinham a leitura úmida e acelerada. Friné não continha seu fascínio diante do reencontro com ***As Flores do Mal***[2] e os ***Poemas Condenados***[3]. Relia trechos de *Lesbos*, aqueles de onde tirou seu novo verdadeiro nome, aquele como de fato era e se reconhecia. Friné que lembrava *Frinéia*, lembrava beleza, liberdades, também inveja e acusações, julgamento e condenação (dos outros) ... culpa mesmo, nenhuma. Respirou profundamente! Pensava que aqueles moralistas franceses que condenaram os poemas de Baudelaire (e de todo lugar, de todos os tempos) sempre foram os mesmos ... *"esse vampiros nunca mudam!"* - pensou forte e alto, fazendo um uso livre do título de um dos poemas proibidos, *As metamorfoses do vampiro*. Respirou mais uma vez profundo e reapareceu em uma das suas ilha preferidas.

"Lesbos, onde as Frinéias uma à outra esperam. Onde jamais ficou sem eco um só queixume. Tal como Pafos as estrelas te veneram. E Safo a Vênus, com razão, inspira ciúme! Lesbos, onde as Frinéias uma à outra esperam ..."[4]

Com aquela ansiedade que acompanha os livros novos, quis passar os olhos por tudo. Parou um pouco numa troca de e-mails entre duas garotas, que entre outras coisas, trocavam nomes de artistas mulheres. O capítulo do livro copiava o título do e-mail: *"Mulheres artistas: FOOODAA!"*[5]

Eva Hesse, Nan Goldin, Diane Arbus, Regina Jose Galindo, Yoko Ono, Guerrilla Girls, Martha Rosler, Martha Wilson, Edith deAk, Louise

Bourgeois, Rosângela Rennó, Lygia Clark, Vera Chavez Barcellos, Sophie Calle, Pina Bausch, Yvonne Rainer, Trisha Brown, Ana Mendieta, Graciela Iturbide, Barbara Kruger, Sheri Levine, Tania Bruguera, Frida Kahlo, Esther Ferrer, Marina Abramovic, Francesca Woodman, Adriana Varejão, Janaina Tschäpe ...

Sentiu calor e um presságio sem imagens, só uma sensação. Toda roupa lhe pareceu desnecessária. Virando a página, viria junto uma companhia imaginária. Estranho quando isso acontece, quando alguém resolve chegar junto, sem avisar. (Talvez em outro lugar da cidade alguém estivesse sentindo o mesmo.)

Pensou: *"Como assim!? De novo! Que merda é essa!?"*)

E um segundo depois:

Esparramou-se de volta no sofá. Queria que coubessem ali todas suas vontades e os movimentos que vinham junto. O sofá não era grande o bastante, melhor, seus desejos ficariam contidos ao alcance de todas suas extremidades.

Voltou ao livro. Passava as páginas como quem mistura um baralho, só que espiando. Queria fugir das *jogadas*, das histórias e das páginas repetidas - então valia roubar. Numa jogada de sorte, encontrou um poema de **Safo**[8] transcrito à mão numa carta toda rabiscada, certamente *uma mão de sorte*, entre aquelas que se escreviam e se entendiam em meio a tantas rasuras, setas e observações. Desses entendimentos raros e estranhos que se dão até mesmo numa escrita cheia de acidentes e incoerências, essas coisas que não se passam a limpo.

Lembrou que foi assim, de um jeito acidentado, que semanas atrás conheceu alguém especial num ***convescote***[7], no parque da cidade. De repente caiu uma chuva tremenda. Uma garota doida foi se esconder daquela tempestade debaixo de uma árvore - uma ***Oiticica***[*] (uma árvore homônima do artista[9]) - que ficava meio que solitária no alto do gramado. Ou ninguém tinha visto aquilo ou ninguém tomava uma atitude! Friné correu até ela e tentava falar mais alto que todos os sons da natureza naquele momento:

- *"Vamos sair daqui! Tá tendo muito raio!"* - e correram para um lugar mais seguro.

Lá, depois de passado o susto, Friné ainda perguntava surpresa: *"Você nunca viu os acidentes com raios nos noticiários de TV?"*. E acabaram rindo disso. Enquanto chovia, conversavam. E choveu o bastante pra que nos dias seguintes, que não choveriam, continuassem se vendo.

Friné comprou um livro pela internet e esperava ansiosa a sua chegada, queria que ele chegasse antes de seu próximo encontro, pra trocar coisas novas e correr outros riscos com aquela garota.

Ensaiava uma leitura do poema de Safo, mas sem usar a voz, pensou em guardar esse momento pronunciado para mais tarde. Desejava que a noite viesse logo e desse um fim naquela ausência que volta e meia aparecia. Concentrou-se. Fez da leitura um pequeno barco, e da sala até o resto do mundo, um rio calmo e distante que desaguaria nalgum oceano escondido.

Ditosa que ao teu lado só por ti suspiro! Quem goza o prazer de te escutar, quem vê, às vezes, teu doce sorriso. Nem os deuses felizes o podem igualar.

Sinto um fogo sutil correr de veia em veia por minha carne, ó suave bem querida, e no transporte doce que a minha alma enleia eu sinto asperamente a voz emudecida.

Uma nuvem confusa me enevoa o olhar. Não ouço mais. Eu caio num langor supremo; E pálida e perdida e febril e sem ar, um frêmito me abala... eu quase morro... eu tremo.[10]

Friné integra o projeto 'Histórias da arte para maiores de 18', uma coleção de histórias criadas/ilustradas a partir frames de vídeos adultos, imagens e referências das artes, entre outras.

NOTAS

1 ***Coisas que não falamos ontem porque a porta abriu.*** Um livro imaginário. Inventado a partir de pesquisas, histórias, conversas e referências que fui recebendo de amigas para compor a personagem Friné. Primeira edição: talvez 2016 ou 2017.

2 ***As Flores do Mal.*** Livro de Charles Baudelaire (1821-1867), com primeira edição lançada em 1857, no dia 25 de junho. Poucos dias depois foi recolhido sob acusação de insultar aos bons costumes. Baudelaire foi condenado a pagar uma multa de 300 francos (depois reduzida para 50) enquanto o editor pagaria uma multa de 100 francos, sendo a pena mais grave, a retirada de seis poemas da publicação, sendo uma condição para que a obra pudesse voltar a circular.

3 ***Poemas Condenados:*** *Lesbos, Mulheres Malditas (Delfina e Hipólita), O Lestes, À; que esta sempre alegre, As joias, As metamorfoses do vampiro.*

4 **Trecho de *Lesbos*.** Poema de Charles Baudelaire, publicado inicialmente junto de *As Flores do Mal*. Tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

5 **Lista de artistas mulheres criada a partir de respostas de algumas amigas à seguinte indagação:** *"De uma maneira imediata, circulando todos os tempos, todas as nacionalidades, todas as linguagens das artes, qual ou quais artistas mulheres você acha FODA?"*.

6 ***Safo.*** Poetisa e professora da ilha de Lesbos, situada no Mar Egeu, viveu maior parte de sua vida na cidade de Mitilene, no século VII a.C. Seus textos foram quase todos destruídos pela Igreja no início da Idade Média, tudo que restou foi resgatado em obras de outros autores e em alguns papiros egípcios.

7 ***Convescote.*** Um "foto-evento": definição dada por Fernanda Gassen (1982) para um conjunto de ações de pré-produção, produção, direção da cena e realização de fotografias analógicas em encontros e piqueniques, organizados em parques públicos. (www.fernandagassen.tumblr.com)

8 **Oiticica** (*Licania rigida*). Planta da família *Chrysobalanaceae*, endêmica na caatinga e na vegetação típica da faixa de transição entre o sertão semi-árido do Nordeste e a região Amazônica (Mata dos Cocais).

9 **Helio Oiticica** (1937-1980). Artista brasileiro de dimensões expandidas para além das representações formais da arte, do mundo e do tempo. Ainda *vive*. (www.helioiticica.org.br/home/home.php)

10 ***A uma mulher amada.*** Um poema de Safo. (www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ph000390.pdf)

sumário

2 Sofia Neuparth

8 Rubiane Maia

10 Dani d'Emilia & Daniel Brittany Chávez

16 Luana Navarro com Saullo Berck

18 Gladis Tridapalli e Ronie Rodrigues

24 Luana Navarro com Ronie Rodrigues e AljadeedOnline

26 Miro Spinelli

32 Luisa Nóbrega

38 Jesús Flores

44 Pablo Paniagua

abrigo portátil 2016
coleção em revista
n. 1 [corpo em acontecimento]

A coleção se organiza por assuntos coordenados em parceria com uma editora ou editor convidado para cada número. As edições publicadas em conjunto de dois números sugerem atravessamentos de assuntos que provocam a presença de edições figuradas, em números fantasmas, dentro da série acomodada em oito números.

Editora convidada: Luana Navarro

Editores: Eliana Borges, Ricardo Corona, Luana Navarro e Arthur do Carmo

Designer gráfico: Eliana Borges

Capa externa: Juliana Gisi
Capa interna: Luiz Rodolfo Annes

Colaboradores desta edição: Sofia Neuparth, Rubiane Maia, Dani D'Emilia, Daniel Brittany Chávez, Luana Navarro, Saullo Berck, Gladis Tridapalli, Ronie Rodrigues, Aljadeedonline, Miro Spinelli, Luisa Nóbrega, Jesús Flores e Pablo Paniagua

Revisão: Nylcéa Thereza de Siqueira Pedra e Michela Moreira

Captação: Agarra Cultura, Arte e Design

medusa

Distribuição nacional em livrarias:
Editora Iluminuras Ltda.
Medusa Editora e Produtora Ltda.

facebook.com/EditoraMedusa
abrigoportatil@gmail.com
editoramedusa@hotmail.com

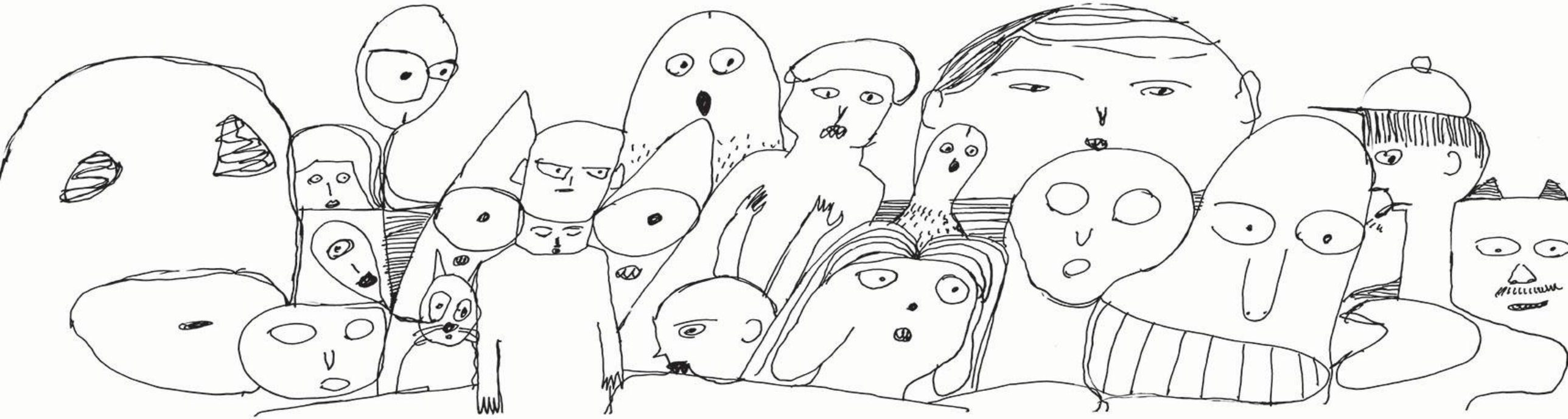
Caixa postal 5013 - CEP 80061-981
Curitiba - PR - Brasil

incentivo

cedip diagnóstico por imagem Curitiba • São José dos Pinhais

Galvão

PREFEITURA DE CURITIBA

FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA

PROJETO REALIZADO COM O APOIO DO PROGRAMA DE APOIO E INCENTIVO À CULTURA FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA E DA PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA